

## Os bosques de azereiro (*Prunus lusitanica* L. subsp. *lusitanica*) no concelho de Oleiros

**SÍLVIA RIBEIRO\***,  
**FERNANDA DELGADO\*\***  
**& LEONEL AZEVEDO\*\*\***

Os azereirais constituem bosques dominados por azereiro (*Prunus lusitanica* L. subsp. *lusitanica*), também conhecido por gingeira-brava ou loureiro-de-portugal. A sua distribuição está confinada ao SW de França, Península Ibérica e Marrocos (Muños Garmendia & Navarro, 1998). É uma espécie relíquia da laurissilva ou seja, da floresta que se desenvolvia nos períodos Miocénico e Pliocénico da Época Terciária, há cerca de 20 milhões de anos, com um clima próximo dos actuais climas subtropicais. As glaciações que ocorreram no Quaternário tiveram como resultado a eliminação das espécies mais exigentes em humidade e menos resistentes ao frio (Beltrán, 2006), levando à quase extinção da laurissilva e ao empobrecimento da sua diversidade florística (Labajos & Blanco, 1992).

Como se referiu antes, o azereiro é a espécie relíquia que forma os azereirais, residualmente dispersos pelo Norte e Centro de Portugal. Estes bosques refugiaram-se em vales encaixados e sombrios e junto a margens de cursos de água de substratos siliciosos e são uma raridade no nosso país.

Estes bosques suportam grande biodiversidade, não só em espécies vasculares mas também em briófitos (onde se incluem os musgos), como documentado por Sérgio *et al.* (2001). A originalidade da composição florística destes bosques, bem como a sua distribuição geográfica e ecologia peculiar, captaram a atenção de diversos autores, como Rivas Goday (1941), Ladero (1976) e mais recentemente Costa *et al.* (2000).



14. cascata na fraga de água d'alto

No entanto, as notícias da existência de frondosos bosques de azereiros nas margens do Zêzere — rio que, segundo vários autores, emprestou o nome a esta planta — remonta pelos menos ao século XVII: *E he tudo quasi huma pedra, mas por entre ellas infinitas verduras diversas, muitas parras, que dellas se dependurão; loureiros, dragoeiros, castanhos, sovaros, carvalhos, azinhos e outros muitos; e o notavel zenzereiro, arvore a quem o rio deu o nome, por se criar nelle grande e copado, e de folhas muito verdes de feição de louro, cujas flores são brancas, e de feição de cacho de uvas em flor, mas de tão admiravel fragancia de cheiro suavissimo, que por grande espaço de sua circunferencia, e ao redor se está meixerando entre o arvoredo.*<sup>1</sup> A descrição deste azereiral nas fragas da margem direita do Zêzere, perto de Pedrogrão Grande, foi publicada por Miguel Leitão de Andrada (um dos poucos sobreviventes da batalha de Alcácer Quibir), no ano de 1627. Mas também existem testemunhos, até épocas mais recentes, de grandes manchas arbóreas de azereiros na margem esquerda do rio, no território do actual concelho de Oleiros, em particular na famosa mata de Álvaro.<sup>2</sup>

O carácter destes bosques, a sua biodiversidade e interesse conservacionista são reconhecidos na Directiva 92/43/CE (EC, 2007), também conhecida por Directiva Habitats, tendo correspondência com um habitat prioritário para conservação em contexto europeu. Este habitat prioritário tem o código 5230 e a designação “Matagais arborescentes de *Laurus nobilis*” e, em contexto nacional, os bosques de *Prunus lusitanica* (azereirais) são reconhecidos num dos subtipos deste habitat (ICNB, 2006).

No concelho de Oleiros ainda é possível observar bosques desta relíquia arbórea na freguesia do Orvalho, na conhecida Fraga de Água d’Alta, considerada a maior queda de água da Beira Baixa (Rodrigues *et al.* 2009). É no ribeiro da Água d’Alta que podemos observar a originalidade e biodiversidade destes bosques, onde se desenvolvem espécies que caracterizavam os bosques primitivos de laurissilva, cujo valor conservacionista e científico é indubitável.

O *Prunus lusitanica* L. subsp. *lusitanica* (azereiro) apresenta uma elevada densidade no troço da ribeira adjacente à cascata, sendo acompanhado pelo freixo (*Fraxinus angustifolia*) e contactando com os medronhais da encosta dominados por *Arbutus unedo*.

O azereiro foi cientificamente descrito pela primeira vez por Linnaeus em *Species Plantarum* (1753). O restritivo específico *lusitanica*, indica que a espécie foi descrita pela primeira vez a partir de plantas colhidas em Portugal, onde crescia sob a forma silvestre, mas também muito cultivado em parques e jardins botânicos pela sua

1. ANDRADA, Miguel Leitão, *Miscelanea*, Reedição da 2.<sup>a</sup> edição de 1867 (1627), INCM, Lisboa, 2012<sup>2</sup>, p. 9. A mesma opinião tem o Bispo de Angra acerca da genealogia do nome azereiro: PIMENTEL, D. João Maria Pereira do Amaral e, *Memorias da Villa de Oleiros e do seu Concelho*, Typographia da Immaculada Conceição, Angra do Heroísmo, 1881, p. 256.

2. ADCB, Fundo da Câmara Municipal de Oleiros, *Livro dos bens do Concelho*, 1840, fl. 2: *Uma Matta de Castanheiros bravos, Carvalhos, Hervedeiros, Azereiros, Folhados, e outros arbustos sita na Serra do mesmo nome, lemite dos lugares da Bixinheira e Pandos, que parte com moradores da Crujeira; e com João Matheus da Povoinha.*

beleza e preservação. Por outro lado, Lusitânia era o nome romano para uma parte do actual território português.

A mais recente descrição das características morfológicas do azereiro pode ser consultada na publicação de Muñoz Garmendia & Navarro (1998). O azereiro (figura 15) tem folhagem perene, pode ter porte arbustivo ou formar uma árvore que pode atingir 10 metros. O seu tronco apresenta uma casca lisa, castanho-escura. As folhas dispõem-se alternadamente, têm contorno oval, variando entre 7 a 15 cm de comprimento e 2,5 a 6 cm de largura, são lustrosas, coriáceas e têm margem geralmente crenada e terminam numa ponta aguda e rija. Apresentam um pecíolo avermelhado e um limbo verde-escuro e brilhante na página superior, ligeiramente mais claro na página inferior. Floresce de Maio a Junho, excepcionalmente em Julho e as suas flores são brancas, têm 5 pétalas de reduzidas dimensões e agrupam-se em cimeiras com



15. *prunus lusitanica* em flor

um comprimento que pode variar de 8 a 28 cm, no final da Primavera, início do Verão. O fruto é uma pequena drupa, ovóide, com 8 a 13 mm de diâmetro, verde ou vermelho-esverdeado de início, tornando-se negro-purpúreo ou negro quando amadurece no final do Verão ou no início do Outono.

Pela sua beleza, devido especialmente às suas flores chamativas e à sua agradável folhagem, deve ser utilizado como elemento decorativo em jardins e espaços verdes, fazendo a sua propagação por estacas terminais e obtendo assim as plantas a serem utilizadas fora do seu habitat natural, no qual devem ser preservadas. Esta espécie, ao contrário de outras do mesmo género, não possui utilizações de âmbito medicinal, aromático ou comestível, sendo de referir que o seu fruto é amargo e pode ser tóxico. No entanto, a sua madeira de cor rosa muito vivo e de fibras finas, tem sido muito utilizada em construção de móveis de madeiras preciosas, conhecido pela técnica da ebanisteria (López González, 2004).

Para melhor compreensão dos termos botânicos apresenta-se um pequeno glossário cujos termos seguiram principalmente os conceitos de Fernandes (1972).

**GLOSSÁRIO**

**Cimeira** - Inflorescência com o eixo principal de crescimento definido, terminando numa flor; as primeiras flores a abrir encontram-se no topo da inflorescência ou no centro de um aglomerado de flores.

**Crenada** - Provida de recortes arredondados convexos na margem.

**Drupa** - Fruto carnudo e indeiscente com uma (ou mais) semente(s), incluída(s) num só caroço lenhoso ou ósseo (ou cada semente em seu caroço independente).

**Limbo** - Parte larga das folhas.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BELTRÁN, R. S. (2006). Distribución y autoecología de *Prunus lusitanica* L. en la Península Ibérica. Investigación Agraria: Sistema de Recursos Forestales Fuera de série: 187-198.

COSTA, J. C., Lopes, M. C., Capelo, J. & Lousá (2000). Sintaxonomia das comunidades de *Prunus lusitanica* subsp. *lusitanica* no ocidente da Península Ibérica. *Silva Lusitana* 8(2): 253-263.

E. C. (European Commission) (2007). The interpretation manual of European Union habitats - EUR27. Brussels: European Commission DG Environment. [http://ec.europa.eu/environment/nature/legislation/habitatsdirective/docs/2007\\_07\\_im.pdf](http://ec.europa.eu/environment/nature/legislation/habitatsdirective/docs/2007_07_im.pdf).

FERNANDES, R. (1972). *Glossário de termos botânicos*. Anuário a Sociedade Broteriana, 38: 181-292.

ICNB (2006). Plano Sectorial da Rede Natura 2000. Caracterização de valores naturais. <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/rn2000/resource/rn-plan-set/hab/hab-5230>.

LABAJOS, L. & Blanco, E. (1992). Los últimos loros de flora ibérica. *Quercus* 12: 10-15.

LADERO ÁLVAREZ, M. (1976) *Prunus lusitanica* L. (*Rosaceae*) en la Península Ibérica. *Anales del Instituto Botánico Cavanilles* 33: 207-218.

LINNAEUS, C. (1753). *Species Plantarum*. <http://www.gutenberg.org/etext/20771>

LÓPEZ GONZÁLEZ, G. (2004). Guía de los árboles y arbustos de la Península Ibérica y Baleares. 2º edición. Ediciones Mundi-Prensa. Madrid.

MUÑOZ GARMENDIA, F. & NAVARRO, C., (Eds.). 1998. *Flora Iberica. Plantas vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares*. Vol. 6. Real Jardín Botánico. CSIC. Madrid.

RIVAS GODAY, S. (1941). Habitación y área del laurel-cerezo. *Boletín de Información del Consejo de Farmacéuticos*, núm. 45. Madrid.

RODRIGUES, J., Neto de Carvalho, C. & Metodiev, D. (2009). Património geológico da Serra de Moradal (Oleiros): Inventariação, certezas e potencialidades geoturísticas. *Açafa on line*, n.º 2. Associação de estudos do Alto Tejo. [www.altotejo.org](http://www.altotejo.org).

SÉRGIO, C., MATAS, R. M., BRUGUÉS, M. & GARCÍA (2001). A brioflora de enclaves com *Prunus lusitanica* L. no Parque Natural da Serra da Estrela. *Boletín de la Sociedad Española de Briología* (18-19): 5-10. ISSN 1132-8029.

Autores: \* Doutora em Biologia, Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa.; \*\* Professora adjunta da Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Castelo Branco; \*\*\* Doutor em Filosofia, Universidade Nova de Lisboa